

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

RITA DE CÁSSIA DA SILVA BONASSI

**A INFLUÊNCIA DA SADIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO
MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA (1944-1970):
UM ESTUDO DE CASO**

CHAPECÓ

2025

RITA DE CÁSSIA DA SILVA BONASSI

**A INFLUÊNCIA DA SADIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO
MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA (1944-1970):
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Peruchi Moretto

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Bonassi, Rita de Cássia da Silva

A influência da Sadia no desenvolvimento
socioeconômico do município de Concórdia (1944-1970):
um estudo de caso / Rita de Cássia da Silva Bonassi. --
2025.

47 f.:il.

Orientadora: Doutora Samira Peruchi Moretto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Agroindústria. 2. Concórdia. 3. Sadia. I. Moretto,
Samira Peruchi, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

RITA DE CÁSSIA DA SILVA BONASSI

**A INFLUÊNCIA DA SADIA NO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO
DO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA (1944-1970): UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em História.

ESTE TRABALHO FOI DEFENDIDO E APROVADO PELA BANCA EM 10/06/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



SAMIRA PERUCHI MORETTO
Data: 11/06/2025 16:25:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF^a. DR^a. SAMIRA PERUCHI MORETTO - UFFS
ORIENTADORA

Documento assinado digitalmente



MARLON BRANDT
Data: 11/06/2025 11:05:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. DR. MARLON BRANDT - UFFS
AVALIADOR

Documento assinado digitalmente



LUCIANO ADILIO ALVES
Data: 11/06/2025 10:55:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

PROF. MS. LUCIANO ADILIO ALVES - UFFS
AVALIADOR

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com profundo reconhecimento, à minha família pelo constante apoio ao longo desta trajetória. Em especial, à minha mãe, Marizete, por seu amor incondicional, incentivo constante e por estar sempre presente nos momentos em que mais precisei durante o desenvolvimento desta pesquisa. Estendo minha gratidão ao meu padrasto, Hélio, por todo o suporte e dedicação ao longo de todo o processo.

Manifesto minha sincera gratidão à professora Dra. Samira Peruchi Moretto, pela orientação, contribuições, correções e sugestões, bem como pela generosidade em dedicar seu tempo e conhecimento para que este trabalho pudesse ser concretizado.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta pesquisa. Cada gesto de apoio foi essencial para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar a influência da empresa Sadia no desenvolvimento socioeconômico do município de Concórdia, Santa Catarina, entre os anos de 1944 e 1970. A pesquisa fundamenta-se em levantamento bibliográfico, análise documental, dados estatísticos e fontes iconográficas, buscando compreender de que forma a atuação da empresa contribuiu para a reorganização do espaço urbano e para a dinamização da economia local. A partir da constituição da Sadia, observa-se a consolidação de um modelo agroindustrial baseado na articulação entre agricultura familiar e indústria de transformação, característica marcante do processo de modernização produtiva no Oeste catarinense. O estudo considera também o papel do Estado, das lideranças locais e das relações entre capital e trabalho na conformação desse modelo, inserido em um contexto de integração regional à economia nacional.

Palavras-chave: Agroindústria; Concórdia; desenvolvimento socioeconômico; Sadia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Localização do município de Concórdia, no Oeste de Santa Catarina	8
Figura 02 – Mapa da Colônia Concórdia	15
Figura 03 – Festa de fundação do município de Concórdia, em 29 de julho de 1934.....	19
Figura 04 – Fotografia de Romano Fontana e Theresa Dalle Rive Fontana, pais de Attilio Fontana, em 1915	22
Figura 05 – Attilio Fontana aos 18 anos.....	22
Figura 06 – Primeira página da Ata de Fundação da S.A. Indústria e Comércio Concórdia, posteriormente chamada de Sadia	26
Figura 07 – Anúncio da Sadia S.A. Transportes Aéreos no Jornal O Estado, em 1956.....	28
Figura 08 – Mesorregião Oeste Catarinense.	32
Figura 09 – Vista aérea da cidade de Concórdia em 1946, com o complexo industrial da Sadia em primeiro plano e, ao fundo, o edifício do Moinho Concórdia	34
Figura 10 – Vista aérea de Concórdia em 1954.....	35
Figura 11 – Vista aérea de Concórdia em 1968.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Números de abates e empregados da Sadia durante os anos de 1945 e 1963.....	37
Tabela 02 – População de Concórdia em paralelo com a área nas décadas de 1940 a 1970....	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	O MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA E SUA FORMAÇÃO COLONIAL	11
2.1	A GUERRA DO CONTESTADO E AS COMPANHIAS COLONIZADORAS .	11
2.2	FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA	16
3	A ORIGEM E EXPANSÃO DA SADIA: DA INDÚSTRIA À POLÍTICA....	21
3.1	ATTILIO FONTANA	21
3.2	SADIA: PRIMEIROS PASSOS E EXPANSÃO.....	25
3.3	ENTRE A INDÚSTRIA E POLÍTICA.....	29
4	O IMPACTO SOCIOECONÔMICO DA SADIA EM CONCÓRDIA.....	32
4.1	A CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE CONCÓRDIA E A INFLUÊNCIA DA SADIA	32
4.2	A DINÂMICA POPULACIONAL FRENTE AO DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL.....	37
4.3	CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Reconhecida nacionalmente no setor econômico pela relevância de seu parque fabril agroindustrial, a região Oeste de Santa Catarina se destaca como berço de alguns dos maiores frigoríficos do Brasil. Entre os exemplos mais notáveis, estão o município de Videira, onde surgiu a Perdigão; Seara, que deu origem à Seara Alimentos; Chapecó, onde foi fundada a Sociedade Anônima Indústria e Comércio (SAIC)¹ e a Aurora; e Concórdia, cidade natal da Sadia.

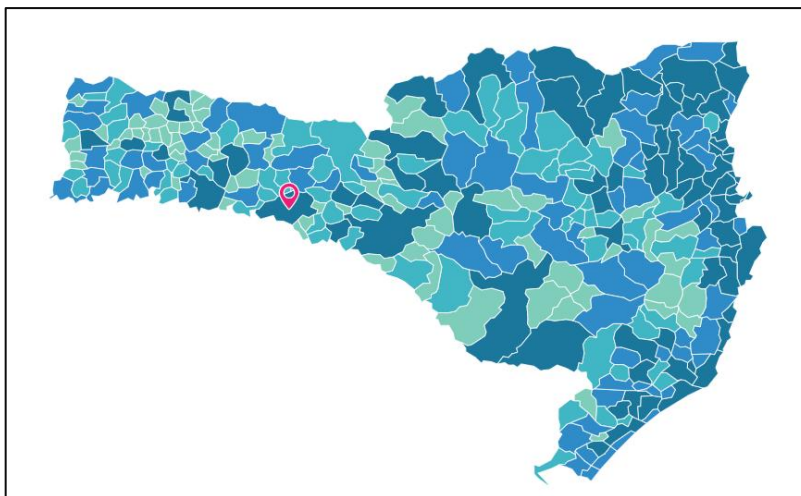
A presente pesquisa surge a partir do meu interesse pessoal em investigar a fundo acerca da empresa Sadia, uma das maiores companhias do ramo alimentício do Brasil, cuja origem se deu no município de Concórdia, onde nasci e cresci. Desde a infância, sempre ouvi de familiares e amigos sobre como a empresa Sadia é a responsável por sustentar economicamente o município de Concórdia, já que sua fundação, em junho de 1944, ocorreu apenas 10 anos após a fundação oficial do município. Desse modo, a empresa Sadia e o município de Concórdia se desenvolveram de forma quase simultânea ao longo dos anos e, possivelmente, é por esta razão que os moradores do município sempre associaram o crescimento de Concórdia com o crescimento da empresa.

O presente trabalho tem como objetivo investigar e analisar a influência da empresa Sadia no processo de desenvolvimento socioeconômico do município de Concórdia, além de explorar quais aspectos permitiram que a indústria se desenvolvesse no município. A pesquisa adota um recorte temporal de 26 anos, abrangendo o período de 1944, ano de fundação da Sadia, até 1970, quando a empresa passou a exportar seus produtos para o mercado internacional, ampliando, assim, as dinâmicas que impulsionaram seu desenvolvimento para além do mercado interno.

Conforme a Figura 01, o município de Concórdia está situado na região oeste de Santa Catarina, na microrregião do Alto Uruguai, e possui um relevo acidentado, característico também dos municípios vizinhos. Sua formação está ligada à chegada de imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, vindos do Rio Grande do Sul, colonização efetivada, em grande parte, pela atuação das companhias colonizadoras, empresas que comercializaram a terra em lotes, destinados à agricultura familiar (Radin; Silva, 2018).

¹ A Sociedade Anônima Indústria e Comércio (SAIC), fundada em 1952 em Chapecó (SC), atuou na industrialização e exportação de produtos suínos por mais de cinco décadas, até ter sua falência decretada judicialmente em 2005.

Figura 01 – Localização do município de Concórdia, no Oeste de Santa Catarina



Fonte: IBGE (2022).

Tendo como principal acionista o filho de imigrantes italianos, Attilio Francisco Xavier Fontana, a Sadia foi fundada em 7 de junho de 1944, conforme ata assinada pelos seus 27 acionistas. A instalação, inicialmente construída para servir apenas como um moinho de grãos, passou a ser utilizada também como um abatedouro de suínos, dando início às atividades como fábrica de produtos suínos, qualificada para fabricação de banha pelo Ministério da Agricultura (Fontana, 1980).

Atualmente, a Sadia integra o portfólio da BRF S.A., uma das maiores companhias globais do setor alimentício, detentora de mais de 30 marcas. A constituição da BRF S.A. resultou da fusão entre Sadia e Perdigão, formalizada em 2009. Conforme comunicado oficial da BRF, recentemente, em 15 de maio de 2025, foi iniciado o processo de fusão entre a BRF S.A. e a Marfrig¹, com a proposta de criação da MBRF Global Foods Company² (BRF, 2025). No entanto, como o recorte temporal analisado nesta pesquisa é anterior a essas fusões, optou-se por referir-se à empresa Sadia com seu nome original, sem vínculo com a Perdigão e, consequentemente, com a BRF S.A. ou com a MBRF Global Foods Company³.

Para realizar este estudo, foi necessário atentar-se ao contexto histórico de formação do território no qual a empresa Sadia se desenvolveu e, para isso, o artigo “A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos ítalos (1940- 1960)”, escrito por Radin (2019), foi utilizado como apoio para compreender como se deu o processo de colonização do oeste

² A Marfrig Global Foods é uma multinacional brasileira do setor alimentício, fundada em 2000, com sede em São Paulo. Atua globalmente na produção e exportação de carne bovina.

³ No momento da elaboração deste trabalho, o processo de fusão entre a BRF e a Marfrig ainda se encontra em fase de transição e implementação, não estando, portanto, plenamente consolidado.

catarinense estimulado pelas empresas colonizadoras, o que provocou uma profunda modificação no ambiente. Neste sentido, Radin afirma que:

O surgimento dos frigoríficos no Oeste catarinense, bem como sua consolidação, insere-se num modelo de colonização regional, centrado no assentamento de colonos em pequenas propriedades agrícolas, em áreas que o poder público considerava “demograficamente vazias”, embora se tratassem de áreas historicamente ocupadas por populações nativas, as quais foram marginalizadas em decorrência do conflituoso avanço da colonização (Radin, 2019, p. 4).

A dissertação de Espíndola (1999), com o título de “As agroindústrias do Oeste catarinense: o caso Sadia”, analisa a evolução da empresa Sadia, desde seu início como um moinho de trigo que se transformou em um pequeno abatedouro de suínos e aves, até se consolidar como um grande conglomerado no setor alimentício. Análise esta que contribuiu de forma significativa para pesquisa, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento do capitalismo agroindustrial e a relação entre a agroindústria e o Estado.

Para embasar a investigação acerca da fundação da empresa Sadia e dos principais acontecimentos ocorridos no período delimitado pela pesquisa, será utilizada a obra de Teixeira (1994), intitulada “Sadia 50 anos: construindo uma história”. O autor apresenta a trajetória dos primeiros cinquenta anos de atividades da empresa, destacando os eventos mais relevantes. A obra também disponibiliza dados quantitativos de produção e registros fotográficos que ilustram as diferentes fases do desenvolvimento da Sadia desde a sua fundação.

Amador (2010), em sua tese de doutorado, faz uma análise de como ocorreu o desenvolvimento socioeconômico de Concórdia a partir da colonização na pequena propriedade familiar pelos descendentes de imigrantes europeus. Conforme o pesquisador, “o surgimento dos pequenos engenhos e moinhos para processar a produção de grãos e a consequente criação do Frigorífico Concórdia na década de 1940 foi uma necessidade já existente para atender a produção da colônia” (Amador, 2010, p. 119).

Para servir de aporte teórico especificamente acerca da história do município de Concórdia, o estudo contará com a obra de Ferreira (1992) que, em seu livro intitulado “Concórdia: O Rastro de sua História”, narra a história do município de Concórdia, a partir da colonização do território. Na obra, são mencionadas as principais personagens que fizeram parte da constituição do município nas décadas de 1930 e 1940.

Para a análise das transformações na dinâmica socioeconômica do município de Concórdia, esta pesquisa baseou-se na leitura e interpretação de fotografias do período em questão, as quais possibilitaram a visualização de mudanças promovidas, direta ou indiretamente, pela atuação da empresa Sadia. No que se refere aos dados quantitativos, foram

utilizados números provenientes de fontes estatísticas históricas, como os censos demográficos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já as informações específicas relacionadas à empresa Sadia, como o número de funcionários, a quantidade de abates e outros dados operacionais, foram obtidas por meio de livros institucionais e boletins informativos publicados pela própria companhia.

Com base nos dados coletados e na análise bibliográfica, a pesquisa foi estruturada em três capítulos, que abordam, respectivamente, a formação do município de Concórdia, a trajetória de Atílio Fontana e a fundação da Sadia e, por fim, a análise dos dados da Sadia referentes às primeiras décadas de atuação da empresa, relacionando-os ao desenvolvimento socioeconômico do município de Concórdia no mesmo período.

No primeiro capítulo, poderá ser observado o panorama geral do município de Concórdia anterior à fundação da Sadia, a formação do que hoje compreende o território do município e a composição de seus habitantes: imigrantes europeus vindos do Rio Grande do Sul para Santa Catarina no início do século XX, além de outros aspectos característicos do município.

O segundo capítulo concentra-se na trajetória de Atílio Fontana e na história da Sadia, enfatizando o papel central do empresário na fundação e consolidação da empresa. A partir de fontes do período, será apresentada a formação da indústria no município de Concórdia e os principais marcos das primeiras décadas de atuação da Sadia. A autobiografia de Fontana (1980) constitui uma fonte essencial para a compreensão desses processos, ao oferecer uma perspectiva pessoal e detalhada tanto sobre o desenvolvimento da empresa quanto sobre a atuação de seu fundador.

O terceiro e último capítulo tem como objetivo examinar as transformações na economia e na organização espacial do município de Concórdia, entre os anos de 1944 e 1970, em paralelo ao desenvolvimento da Sadia nesse período. A partir da interpretação de dados de produção da empresa, análises de censos e fotografias do recorte temporal, busca-se avaliar em que medida a atuação da Sadia contribuiu para as mudanças na dinâmica socioeconômica local, bem como para as condições de vida da população do município.

2 O MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA E SUA FORMAÇÃO COLONIAL

Para compreender como a Sadia se estabeleceu no município de Concórdia, é fundamental considerar o contexto histórico local anterior à fundação da agroindústria e do município, especialmente no que diz respeito à formação étnica da região Oeste, composta majoritariamente por descendentes de imigrantes europeus, sobretudo italianos e alemães, provenientes do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, o presente capítulo tem como objetivo contextualizar a formação do território Oeste catarinense, concentrando-se no município de Concórdia, a partir de 1916, com o fim da Guerra do Contestado e início da colonização.

2.1 A GUERRA DO CONTESTADO E AS COMPANHIAS COLONIZADORAS

A história da formação do município de Concórdia está diretamente ligada à ocupação da região Oeste catarinense, a qual se deu muito antes da colonização por descendentes de imigrantes. Inicialmente, o território foi ocupado por indígenas, principalmente de etnia Kaingang e Xokleng, e, posteriormente, por caboclos, populações mestiças que viviam da agricultura de subsistência e da extração da erva-mate (Marchesan, 2003).

O povoamento caboclo no Oeste catarinense começou ao longo do Caminho das Tropas, que cruzava o Oeste catarinense para levar gado dos campos gaúchos às feiras de Sorocaba, abastecendo as regiões cafeeiras e mineradoras, e expandiu-se para o interior das matas. Formado por excedentes populacionais das fazendas, os caboclos viviam isolados, praticando agricultura de subsistência, explorando a erva-mate e criando animais soltos, principalmente porcos, sendo pioneiros na ocupação e desbravamento da região, distantes dos recursos da modernidade urbana (Radin; Corazza, 2018). Acerca da etnia cabocla, é fundamental reforçar que “o caboclo do Oeste não é simplesmente originário de cruzamento racial puro, mas do cruzamento de indivíduos já miscigenados. O mais importante é saber que a conceituação de caboclo é muito mais social e econômica do que racial” (Poli, 1995, p. 175).

Para a historiografia catarinense, o processo de ocupação do Oeste do estado ocorreu como resultado da assinatura do “Acordo de Limites entre o Paraná e Santa Catarina”, fruto do fim da Guerra do Contestado, em 1916, e da conclusão do trecho da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande (Cabral, 1970 *apud* Espíndola, 1999, p. 20).

Através do acordo, foi colocado um fim na disputa entre os dois estados, cabendo, ao Paraná, uma área de 20.300 km² e, à Santa Catarina, 28.000 km². Dessa forma, as terras que estavam sendo ocupadas pelo Paraná a Oeste do Rio do Peixe passaram a pertencer ao governo de Santa Catarina e, com o objetivo de administrar a região, o estado catarinense criou, ainda

em 1917, os municípios de Xapecó (Chapecó), Cruzeiro (Joaçaba), Mafra e Porto União, sob a Lei n. 1.147, de 25 de agosto. Nesse sentido, Alves (2021) afirma que:

Após o fim da Guerra do Contestado, um novo capítulo da história foi escrito em 1916, quando a assinatura de um acordo praticamente dividiu ao meio a região reivindicada por Santa Catarina e Paraná. Chegava ao fim a disputa interestadual. Com a definição de limites territoriais, surgiu, assim, a mesorregião que viria a ser conhecida, mais tarde, como o Oeste Catarinense (Alves, 2021, p. 23).

De acordo com Amador (2010), a Guerra do Contestado evidenciou os dois modelos de desenvolvimento econômico da região, pois:

[...] até o início do século XX, o que acontecia nos sertões catarinenses era uma ocupação cabocla originária da miscigenação de portugueses, índios e negros, que viviam de uma economia voltada à atenção das necessidades de subsistência. Após a Guerra, com a consequente derrota do caboclo, tem início a venda de lotes de pequenas propriedades de terras para as famílias de descendentes de imigrantes [...] (Amador, 2010, p. 24).

Nesse sentido, Radin e Corazza (2018) explica que a colonização do “sertão” catarinense teve como objetivo principal a exploração mercantil, em contraste com o estilo de vida e o trabalho tradicional dos caboclos que viviam na área. Ainda de acordo com o autor, “a difusão da ideia de ‘sertão’, como espaço vazio, foi um artifício útil para justificar a ocupação de uma terra já habitada” (Radin; Corazza, 2016, p. 39). Além disso, naquele contexto, governantes e intelectuais consideravam a imigração essencial, não apenas para o crescimento econômico, mas também como um fator que ajudaria a promover a civilização social, pois “o ‘colono’ era visto como um ser livre, que progredia, trabalhava e produzia para alimentar o país, diferentemente dos não colonos” (Radin, 2016, p. 161).

Desse modo, através da concessão de extensas faixas de terra à companhia norte-americana Brazil Railway Company, como parte do pagamento pela construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande, o governo brasileiro colocou em ação o plano de colonização do “sertão” catarinense. Nesse contexto, para demarcar as colônias, foi necessário, em alguns casos, negociar a posse das terras e, em outros, expulsar os caboclos que as ocupavam (Amador, 2010). Nessa perspectiva, Valentini e Radin (2011) explicam que:

Para conferir legitimidade e favorecer o processo de apropriação da terra, em geral as empresas fizeram uso de inúmeros artifícios, muitos deles no campo das representações. Entre as representações estão as que se ligam à ideia da necessidade de “limpeza do sertão”, pela exclusão e marginalização das populações locais, as quais eram definidas como ‘intrusas, indesejáveis, preguiçosas, atrasadas e incivilizadas’, diferentemente dos colonizadores, representados como ‘civilizadores, ordeiros e progressistas’ (Valentini; Radin, 2011, p. 12).

O grupo Farquhar, responsável pelas companhias Brazil Railway Company e Development & Colonization Company, iniciou o processo de colonização com imigrantes poloneses e ucranianos e, posteriormente, descendentes de colonos italianos e alemães. Segundo Radin (2011), havia centenas de milhares de imigrantes italianos e alemães já presentes no Brasil, atuando nas fazendas de café, nas indústrias manufatureiras e no comércio de São Paulo, sendo amplamente reconhecido o desejo desses imigrantes de se tornarem proprietários de terras. Nesse contexto, autoridades e opinião pública promoveram uma série de narrativas que destacavam a necessidade e a importância de transformar a região em “um vasto celeiro” (Radin; Silva, 2018).

De acordo com Radin (2006), a construção da ferrovia São Paulo-Rio Grande teve um papel fundamental no impulso da repartição e comercialização das terras, além de proporcionar o deslocamento de colonos, comerciantes e madeireiros. Segundo Azevedo (1993), a Brazil Development and Colonization Company também atuou indiretamente na colonização, através de contratos com empresas privadas que assumiram os serviços de colonização, como as empresas Bertaso, Maia & Cia.; a Companhia Colonizadora Sul Brasil; a Empresa Chapecó-Peperi; a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia.; a Barth, Benetti & Cia Ltda; a Empresa Colonizadora Irmãos Lunardi, entre outras.

Ademais, o fato de as companhias colonizadoras contratadas pelo grupo Farquhar terem, em sua grande maioria, origem no Rio Grande do Sul, “apresentou grande influência na procedência do contingente que veio ocupar as colônias formadas ao longo do Vale do Rio do Peixe” (Silva, 1983, p. 77). Este contingente era formado por imigrantes italianos e alemães e seus descendentes, além de agricultores gaúchos provenientes das chamadas “velhas colônias” (Silva, 1983, p. 78).

De acordo com Marchesan (2003), as chamadas “velhas colônias” correspondiam a área de mata do território da região Centro-Nordeste do Rio Grande do Sul, onde se deu a primeira etapa da ocupação pelos imigrantes italianos e alemães do estado. Ainda segundo o autor, com o passar do tempo, as terras das “velhas colônias” tornaram-se escassas devido ao aumento populacional, além de a utilização intensiva do solo causar o seu esgotamento, o que tornou inviável a permanência dos chamados “colonos” no território, resultando, portanto, na saída das “velhas colônias” para outras regiões em busca de novas terras (Marchesan, 2003, p. 35).

Sobre esse aspecto, Amador (2010) pontua uma semelhança entre o que ocorreu com as famílias no Rio Grande do Sul com, principalmente, as da Alemanha e Itália no século XIX: a escassez de terras, associada ao grande número de filhos, fez com que muitos migrassem para outros estados, dando continuidade ao processo migratório.

Nesse sentido, a partir da década de 1920, mais especificamente em 07 de janeiro de 1922, após o estado de Santa Catarina conceder à companhia Brazil Development and Colonization Co., o Oeste catarinense, em especial a região do Alto Uruguai passou absorver os excedentes populacionais das “velhas colônias”.

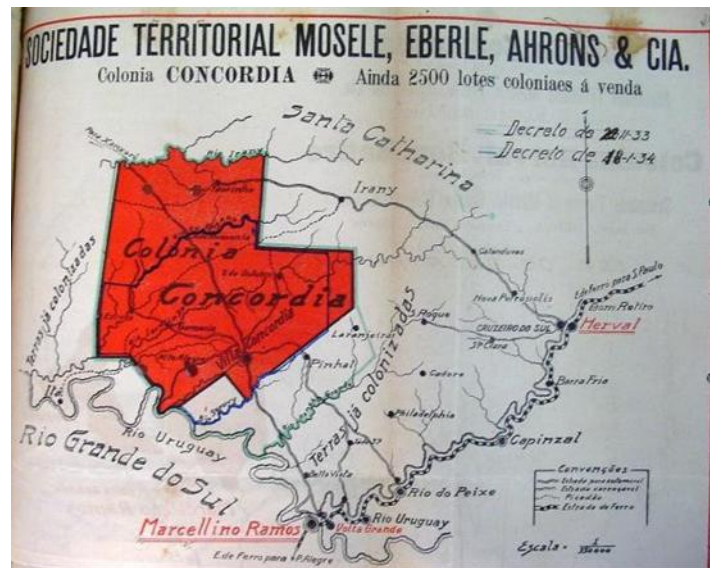
Dentre os territórios que receberam o excedente populacional oriundo do Rio Grande do Sul, está o município de Concórdia, que passou a receber imigrantes ítalo-germânicos a partir da década 1920, quando era denominada Vila Queimados e pertencia à Colônia Rio Engano, subordinada ao município de Cruzeiro, atual Joaçaba. Nesse sentido, Ferreira (1992) afirma que:

[...] a partir de 1922, coube os primeiros passos da colonização definitiva no Alto Uruguai Catarinense a firmas como Luce e Rosa, que colonizou a região de Uvã, a Companhia Capelli, que colonizou a região de Rancho Grande, a Empresa Brum, que colonizou a fazenda Suruvi e a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia., a quem coube a colonização das regiões de Sertãozinho e Rio Engano (Ferreira, 1992, p. 71).

Segundo Amador (2010), apesar de a implantação da colônia ter ocorrido em 1922, a colonização efetiva do território da então Colônia Concórdia só vai acontecer a partir de 18 de maio de 1925, quando a companhia colonizadora Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia., com sede em Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, através de negociações com a Brazil Development and Colonization Co., tornou-se a responsável pela colonização deste local. A companhia gaúcha comprou 3.346 lotes coloniais na região do Rio Engano, o que correspondeu a uma área total de 1.073.582,648 m² (Ferreira, 1992).

A dinâmica de ocupação territorial é ilustrada no mapa produzido pela Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia. (Figura 02), no qual a área correspondente à Colônia Concórdia aparece destacada. A imagem demonstra a delimitação dos lotes disponíveis, na década de 1940, bem como a estratégia da companhia em divulgar a colonização da região, evidenciando a oferta de 2.500 lotes ainda não ocupados naquele período.

Figura 02 – Mapa da Colônia Concórdia



Fonte: Museu Municipal Hermano Zanoni de Concórdia.

A “Companhia Mosele”, como era chamada pelo povo local (Ferreira, 1992), tinha como principais acionistas os irmãos Leonel e João Mosele, imigrantes vindos de Verona (Itália), o também ítalo-brasileiro Abramo Eberle e Rodolfo Ahrons, um influente engenheiro gaúcho, filho de alemães.

Para Nodari (2002), o elevado número de companhias colonizadoras criadas para atuar na região sugere que se tratava de um empreendimento lucrativo. Portanto, a forma mais eficiente para alcançar o sucesso pretendido era a montagem de um esquema de publicidade e de recrutamento nas principais colônias do Rio Grande do Sul, capaz de competir com as diferentes colonizadoras. Dentre as formas de divulgação utilizadas pelas colonizadoras, destacam-se “os anúncios e as reportagens dos jornais, os almanaques anuais, os cartazes que eram afixados em pontos estratégicos, panfletos, livros e, principalmente, os agentes contratados pelas companhias” (Nodari, 2002, p. 36).

Segundo Ferreira (1992), a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia. foi uma das companhias a adotar a estratégia baseada na propaganda, implementando um serviço de divulgação nas cidades de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Guaporé, Antônio Prado, além da região de Tubarão, no litoral de Santa Catarina.

Os descendentes de italianos e alemães, ao decidirem migrar para o Oeste catarinense, acreditavam ser possível preservar suas práticas socioculturais, visto que essa promovida pelas próprias colonizadoras, que haviam investido altos valores na aquisição de terras e na construção de estradas e, portanto, era necessário obter um retorno financeiro rápido.

A maioria das terras no Oeste de Santa Catarina foi subdividida em pequenas propriedades voltadas para a agricultura, devido ao relevo acidentado e à densa vegetação, que tornavam o local inadequado para a formação de latifúndios.

O deslocamento do estado gaúcho para o Oeste catarinense era difícil, principalmente no início da colonização, visto que as estradas eram basicamente passagens estreitas em meio à mata. Tal situação melhorou após a conclusão da estrada que ligava Concórdia a Marcelino Ramos, em 1927. O trecho de 38 quilômetros facilitou o acesso à estação ferroviária de Volta Grande, que, na época, era o ponto de chegada dos imigrantes no Alto Uruguai Catarinense. A obra foi executada pelos próprios colonos, que, recém-chegados ao território de Concórdia, participaram da construção do trecho como forma de saldar a dívida com a companhia pelas terras adquiridas (Ferreira, 1992). Acerca de como se dava o processo de venda de terras, Ferreira (1992) afirma que:

Os interessados eram levados a Marcelino Ramos, de onde vinham para Concórdia, a cavalo, para conhecer as terras. No retorno para Marcelino Ramos, dirigiam-se para o escritório da Companhia, onde era feito o contrato de promessa de venda, com o interessado dando uma pequena entrada, retornando posteriormente com a família (Ferreira, 1992, p. 73).

2.2 FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CONCÓRDIA

A origem do nome “Concórdia”, escolhido para substituir o nome da até então “Vila Queimados”, segundo Ferreira (1992), está relacionado a três personalidades que participaram da negociação para a demarcação do território da colônia: o caboclo Eusébio, que controlava as terras na região de Fragosos, próximo ao Queimados, visto como coronel da localidade; José Fabrício das Neves, o qual, ao lado do Monge José Maria, participou da Batalha do Irani, em 1912, marcando o início da Guerra do Contestado; e o agrimensor Victor Kurudz, representante da Brazil Development and Colonization Company que, posteriormente, foi contratado pela colonizadora Mosele.

As negociações para a demarcação do território ocorreram em 1923, quando José Fabrício das Neves e Victor Kurudz convenceram o caboclo Eusébio a autorizar a demarcação das terras para a instalação da nova colônia. Nesse sentido, foi do ato de ambas as partes concordarem com os termos para a demarcação que surgiu o nome “Concórdia”, que significa concordância. O site da própria prefeitura de Concórdia narra da seguinte maneira:

Esse acordo passou a simbolizar a harmonia entre jagunços coordenados por José Fabrício das Neves e a Brasil Development and Colonization Company e foi selado com uma frase que ficou na história do futuro município: “Diante do que acabamos de combinar, do que acabamos de concordar, este lugar passa a ter o nome de Concórdia” (Portal do Cidadão, 2013).

Após chegarem na Colônia Concórdia, pertencente ao município de Cruzeiro, e tomarem posse dos pequenos lotes de terra, que variavam entre 10 e 30 hectares, os colonos derrubavam as matas, construíam pequenas casas para moradia e instalações para a criação de animais.

No contexto inicial, os colonos cultivavam em especial o milho, o feijão e o trigo, cultivavam verduras, legumes e frutas, criavam pequenos animais e gado vacum e muar, principalmente para o consumo doméstico e para o auxílio no trabalho nas lavouras. Mesmo enquanto pequenos proprietários rurais, que orientavam sua produção para a economia de subsistência, os colonos estavam inseridos na lógica capitalista (Radin; Vicenzi, 2018, p. 92).

Trazendo consigo uma larga experiência no cultivo da terra, os colonos que se estabeleceram na Colônia Concórdia, bem como ao longo do Alto Uruguai, dedicavam-se à pequena propriedade familiar, desenvolvendo atividades agropecuárias, em especial a produção de trigo, milho e a criação de suínos, atividade que aos poucos se firmou como a mais rentável e tornou-se dominante. Sobre essa perspectiva, Corazza (2015) explica que “a agricultura familiar contribuiu decisivamente para a formação do capital comercial e sua posterior transformação em capital industrial, base do complexo agroindustrial que se desenvolveu na região” (Corazza, 2015, p. 305).

A partir da década de 1930, a produção de suínos consolidou-se como uma atividade mais lucrativa em comparação com as demais, ganhando destaque na região. A crescente demanda proveniente de São Paulo, primeiro por suínos vivos e, em seguida, por banha, impulsionou o comércio local. Gradualmente, a criação de suínos tornou-se a principal atividade econômica da área, em paralelo com outras atividades agrícolas, como o cultivo de milho, feijão, arroz e mandioca, que começaram a se expandir (Corazza, 2016).

Apesar de frequentemente vinculada à colonização italiana e alemã no Oeste catarinense a partir de 1920, a atividade de criação de suínos tem origens ainda no século XIX. Inicialmente desenvolvida na região litorânea, expandiu-se para o planalto, e depois deslocou-se para o Oeste catarinense e Sudoeste paranaense (Moretto; Brandt, 2019). Nesse processo de interiorização, é importante reconhecer o papel dos caboclos (populações mestiças que ocupavam o território antes da chegada dos colonos europeus) na manutenção e difusão dessa prática. Esses grupos já criavam porcos soltos como parte de sua economia de subsistência, aproveitando-se das condições naturais da região e do baixo custo de manejo (Moretto; Brandt, 2019). Assim,

contribuíram significativamente para a inserção e adaptação da suinocultura no Oeste catarinense, estabelecendo uma base produtiva que, posteriormente, seria potencializada com a chegada das agroindústrias. Além disso, a necessidade de menos manejo e “sua capacidade de conversão de alimento em carne e banha em comparação a outros animais, como os bovinos” (Moretto; Brandt, 2019, p. 232), foram fatores essenciais para a adoção da criação de suínos como fonte de renda.

Com o desenvolvimento acelerado da colonização, os problemas gerados pela dependência do município de Cruzeiro tornaram-se mais evidentes. A ligação com a sede municipal era muito difícil, devido à precariedade das estradas, cenário com o qual o município de Cruzeiro não demonstrava preocupação. Nesse contexto, a população da Colônia Concórdia, juntamente com os sócios da Companhia Mosele, decidiu elaborar um abaixo-assinado exigindo que a vila se tornasse um distrito. Assim, através da Lei Municipal n.º 82, em 11 de agosto de 1927, Colônia Concórdia, agora chamada apenas de Concórdia, foi elevada à categoria de distrito, sendo desmembrado dos distritos de Bela Vista, Itá e Irani, também subordinados ao município de Cruzeiro (Portal Cidadão, 2025).

O contentamento da população de Concórdia quanto à categoria de distrito não durou muito tempo, pois o progresso, que avançava rapidamente, levou a população de Concórdia a almejar sua autonomia administrativa. No início da década de 1930, por exemplo, o distrito de Concórdia já apresentava uma configuração que lhe permitia aspirar pela sua emancipação. Nesse sentido, Ferreira (1992, p. 120) explica que:

Até 1931, já haviam sido escriturados aos compradores 363.863.436 m², restando 709.719.211 m² da área total da propriedade ‘Colônia Concórdia’ que, naquela data, já era habitada por cerca de 3.500 pessoas. Em 1933, dos 3.638 lotes rurais existentes, já haviam sido escriturados a diversos compradores 2.630 lotes, sendo que desses 1.010 já estavam povoados.

Com uma população de 21.086 habitantes e a produção agrícola e o comércio, principalmente de suínos, em expansão, o desejo da população do distrito de Concórdia de emancipar-se tornou-se realidade. Por meio da Lei Estadual n.º 635, de 12 de julho de 1934, Concórdia torna-se um município, desmembrando-se de Cruzeiro. A fotografia abaixo (Figura 03), registra a solenidade de instalação oficial do município de Concórdia, ocorrida em 29 de julho de 1934, que se tornou a data oficial de fundação do município.

Figura 03 – Festa de fundação do município de Concórdia, em 29 de julho de 1934



Fonte: Ferreira (1992, p. 127).

Com sua emancipação, o município de Concórdia adquiriu uma área de 2.745 km², compreendendo os territórios que atualmente pertencem aos municípios de Itá, Seara, Alto Bela Vista, Piratuba, Ipira, Ipumirim, Arabutã e Lindóia do Sul.

Segundo Ferreira (1992), a partir de 1934, a Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons e Cia., com apoio do governo catarinense, conseguiu trazer uma quantidade maior de famílias de colonos para o recém emancipado município de Concórdia. Isso permitiu que o município, somente um ano após sua emancipação, em 1935, fosse considerado o 11º maior município catarinense em termos de desenvolvimento, com uma população de 35 mil habitantes (Ferreira, 1992). Já em 1937, Concórdia foi classificada como o 8º município de melhor situação financeira em Santa Catarina.

A partir de 1948, partes do território de Concórdia passaram a se desmembrar do município. O processo de fragmentação ocorreu até 12 de dezembro de 1991, com a emancipação político-administrativa de Arabutã. Como resultado da fragmentação desses territórios, além do município de Arabutã, surgiram os municípios de Itá, Seara, Alto Bela Vista, Piratuba, Ipira, Ipumirim, e Lindóia do Sul.

A criação dos diversos municípios, a partir de Concórdia, demonstra o desenvolvimento, obtido a partir de 1934, não ficou limitado a uma determinada região, alcançando diversos pontos, dando estrutura para que esses pudessem realizar o sonho que Concórdia havia concretizado em 29 de julho daquele ano (Ferreira, 1992, p. 194).

A chegada dos colonos, descendentes de imigrantes italianos e alemães provenientes do Rio Grande do Sul, trouxe mudanças significativas ao Oeste catarinense. Por meio das companhias colonizadoras, esses colonos transformaram o ambiente ao implementar a agricultura familiar, que se tornou a base econômica e social da região. Essa atividade,

especialmente centrada na criação de suínos, impulsionou o processo de acumulação de capital local e, com o tempo, esse acúmulo de recursos permitiu a fundação dos primeiros frigoríficos e abatedouros de suínos que, futuramente, iriam se consolidar como um dos pilares do desenvolvimento econômico regional.

3 A ORIGEM E EXPANSÃO DA SADIA: DA INDÚSTRIA À POLÍTICA

Para compreender o impacto da Sadia no município de Concórdia, é essencial analisarmos a história da companhia e, portanto, de seu fundador, Attilio Francisco Xavier Fontana. Este capítulo tem como objetivo examinar as origens da Sadia a partir da trajetória de Fontana, traçando uma linha do tempo para compreender as ações empreendidas pela empresa que possibilitaram sua expansão tanto em Concórdia quanto em outras regiões do Brasil e do exterior.

3.1 ATTILIO FONTANA

Filho de imigrantes italianos originários de Vicenza, na região do Vêneto, ao norte da Itália, Attilio Francisco Xavier Fontana nasceu em 7 de agosto de 1900, na Colônia do Arroio Grande, território que hoje pertence ao município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Ele foi o oitavo dos 12 filhos de Thereza Dalle Rive Fontana e Romano Fontana (Figura 04), agricultores que chegaram ao Brasil em 1888, estabelecendo-se em Santa Maria “a chamado de patrícios que os haviam precedido num plano de colonização iniciado ali em 1875 e que davam boa notícia daquelas terras inexploradas” (Fontana, 1980, p. 24). Nesse sentido, Radin (2020) explica que:

O governo recém-instituído tratou de fomentar diversas experiências de colonização do Sul, inicialmente com alemães, depois com poloneses e italianos, com o intuito de intensificar a ocupação da região. Tais experiências foram organizadas principalmente em assentamentos agrícolas, em lotes apropriados à prática da agricultura de âmbito familiar [...]. Nesses espaços, possibilitados por iniciativas públicas, criaram-se condições para que muitos imigrantes se tornassem pequenos proprietários de terra, fazendo emergir um caso peculiar no desenho agrário brasileiro, considerando a longa tradição latifundiária do país (Radin, 2020, p. 18).

Attilio Fontana viveu sua infância na colônia do Arroio Grande, enquanto sua adolescência transcorreu na Colônia do Lageadinho, em São Pedro do Sul, do outro lado de Santa Maria. Nesse local, seu pai, Romano Fontana, adquiriu uma propriedade maior, aumentando a capacidade produtiva da família no cultivo de grãos e criação de gado, vacas leiteiras e suínos. “Naquelas terras de aspectos antes desolado e em cuja a paisagem o mato sobressaía, aos poucos surgiam aqui e ali amostras da imensa força de vontade e disposição para o trabalho de nossa família” (Fontana, 1980, p. 40).

Figura 04 – Fotografia de Romano Fontana e Theresa Dalle Rive Fontana, pais de Attilio Fontana, em 1915



Fonte: Fontana (1980, p. 25).

Apesar das condições de vida favoráveis, Attilio decidiu deixar a rotina da lavoura para ingressar na vida comercial. Em 1917, Attilio juntou-se a seu irmão Domingos para trabalhar em uma casa comercial, criada em sociedade por seu pai e Domingos. A casa de comércio era administrada por Domingos que, após prosperar, comprou a parte do pai pouco tempo depois.

Figura 05 – Attilio Fontana aos 18 anos



Fonte: Fontana (1980, p. 68).

Após o falecimento de Domingos, em 1919, e de seu pai, Romano Fontana, em 1921, Attilio foi convidado por sua mãe a assumir a chefia da família na propriedade herdada do pai. Contudo, por já ter a intenção de mudar-se para outra cidade a fim de dedicar-se ao comércio,

não assumiu tal responsabilidade, que passou a ser exercida por seu irmão Honório (Fontana, 1980).

Foi então, naquele mesmo ano, após ouvir diversas referências positivas, que Attilio Fontana decidiu aventurar-se em terras catarinenses:

Como ouvisse referências favoráveis a umas terras novas no oeste catarinense – uma colonização muito bem feita, de matas virgens, em que se produzia bastante alfafa e onde os transportes eram bem mais fáceis do que em Santa Maria – mostrei-me inclinado a tentar essa região (Fontana, 1980, p. 72).

Attilio Fontana mudou-se para Bom Retiro dos Campos Novos, onde passou a trabalhar na casa comercial de Casimiro Tisian, um comerciante que também era proprietário de lavouras de trigo. Fontana possuía uma prensa enfardadora de alfafa e, em parceria com seu patrão, decidiu utilizá-la para enfardar a produção local. Essa iniciativa resultou em bons lucros, pois a alfafa era vendida para atacadistas em São Paulo, onde os preços eram bastante atrativos.

Bem diferente de Santa Maria, onde não havia sequer estradas de rodagem de boa qualidade para transportes a grande distância; e o consumo dos produtos poderia ficar restrito ao município [...] Em Santa Catarina, ao contrário, a estrada de ferro poderia escoar com facilidade as safras para São Paulo, o principal mercado consumidor (Fontana, 1980, p. 75).

A possibilidade de adquirir pessoalmente os produtos nos estabelecimentos rurais, aliada ao trabalho dedicado, permitiu que Attilio Fontana acumulasse parte do excedente proveniente das transações da casa comercial. Isso possibilitou a compra de um pequeno hotel na cidade de Bom Retiro do Cruzeiro, em 1922, ano em que Fontana oficializou em matrimônio a relação com Diva Bordin, com quem havia noivado anos antes. Dessa forma, ambos se mudaram para Bom Retiro do Cruzeiro, que atualmente faz parte do município de Luzerna, para gerenciar o negócio.

Em 1924, o hotel foi convertido em uma casa comercial, iniciando suas atividades em 1925. Esse estabelecimento tornou-se o ponto de partida para um aprendizado comercial consistente. De acordo com Teixeira (1994), Fontana adquiria mercadorias em São Paulo para abastecer a loja, incluindo ferramentas, arame, tecidos, louças, café, açúcar, entre outros itens. Ao mesmo tempo, negociava com os colonos locais, observando as safras, analisando preços e as condições de mercado. Aproveitava suas viagens a São Paulo para vender alfafa, suínos e cereais para comerciantes de cidades como Itacaré e Osasco. Assim, Fontana comercializava a produção das colônias em São Paulo e no norte do Paraná, e trazia de São Paulo grande parte dos produtos de consumo dos colonos.

Segundo Espíndola (1999), o funcionamento das casas comerciais seguia o sistema “colônia-venda”, onde os pequenos produtores mercantis não tinham um parâmetro fixo de preços, pagando com “chiqueiradas” – ou seja, com os produtos agrícolas produzidos. Em contrapartida, o dinheiro deles ficava sob o controle dos comerciantes. Assim, a casa comercial atuava como um banco, possibilitando a disponibilidade de capital para a criação de novos estabelecimentos comerciais.

Entre o final da década de 1920 e o início de 1940, a compra e venda de novos estabelecimentos comerciais, o aumento dos contatos no ramo e algumas sociedades – especialmente com os Menk, de Osasco – impulsionaram as operações com alfafa, suínos, cereais e café (Teixeira, 1994). Enquanto os negócios iam bem, em 1927, o casal Fontana teve mais um filho, Omar, e dois anos depois, em 1929, nasceu Odila.

Com o crescimento de suas casas comerciais e o aumento da prosperidade de seus negócios, Fontana foi conquistando cada vez mais prestígio na região. Tanto que, em 1931, foi convidado a ocupar o cargo de conselheiro no município de Cruzeiro, território que hoje compreende o município de Joaçaba. Assim, Attilio Fontana iniciou sua trajetória na vida pública, por meio de uma indicação, representando o poder público, uma vez que era um influente comerciante da região. Conforme indica Amador (2010), nesse cargo, Attilio Fontana tinha a responsabilidade de analisar o orçamento do município e direcionar recursos públicos para a construção de estradas que conectavam suas próprias casas comerciais às áreas onde estavam localizados pequenos produtores de milho, alfafa e suínos, beneficiando seus negócios. Nesse sentido, Espíndola (1999) afirma que:

Do ponto de vista econômico, essa posição de Attilio Fontana quanto aos demais comerciantes possibilitava o fortalecimento e legitimação do capital comercial, uma boa relação com os administradores da estrada de ferro, facilidade em negociar com os pequenos produtores mercantis e o reforço das relações de dominação sobre estes últimos (Espíndola, 1999, p. 63).

Em 1935, Fontana expandiu ainda mais seus negócios através da fusão com os Fuganti, seus principais concorrentes. Assim criava-se a firma Fuganti, Fontana e Cia. A sociedade impulsionou ainda mais seus negócios, mas foi dissolvida em 1938, um ano antes do término do contrato. Segundo Fontana (1980), antes mesmo de firmar a parceria com os Fuganti, ele já tinha a intenção de ingressar no setor industrial de alimentos. Assim, logo após a dissolução da sociedade, retomou seus planos de entrar na atividade industrial, como relata em sua autobiografia:

Nessa época, voltei a pensar naquela ideia de 1934, ou seja, ingressar no setor industrial. Como homem ligado à agricultura, vivendo longa data em contato com os produtores, defendendo tanto os meus interesses quanto os deles, sentia-me atraído para a indústria de gêneros alimentícios (Fontana, 1980, p. 146).

Após a decisão de encerrar definitivamente suas atividades comerciais, Attilio Fontana dedicou-se à reflexão sobre o rumo a seguir. Foi quando recebeu o convite do então prefeito de Concórdia, Dr. Dogello Goss, para deslocar-se até o município a fim de estudar uma maneira de viabilizar a operação do Frigorífico Concórdia Ltda., que se encontrava com suas obras paralisadas e sem condições de prosseguir.

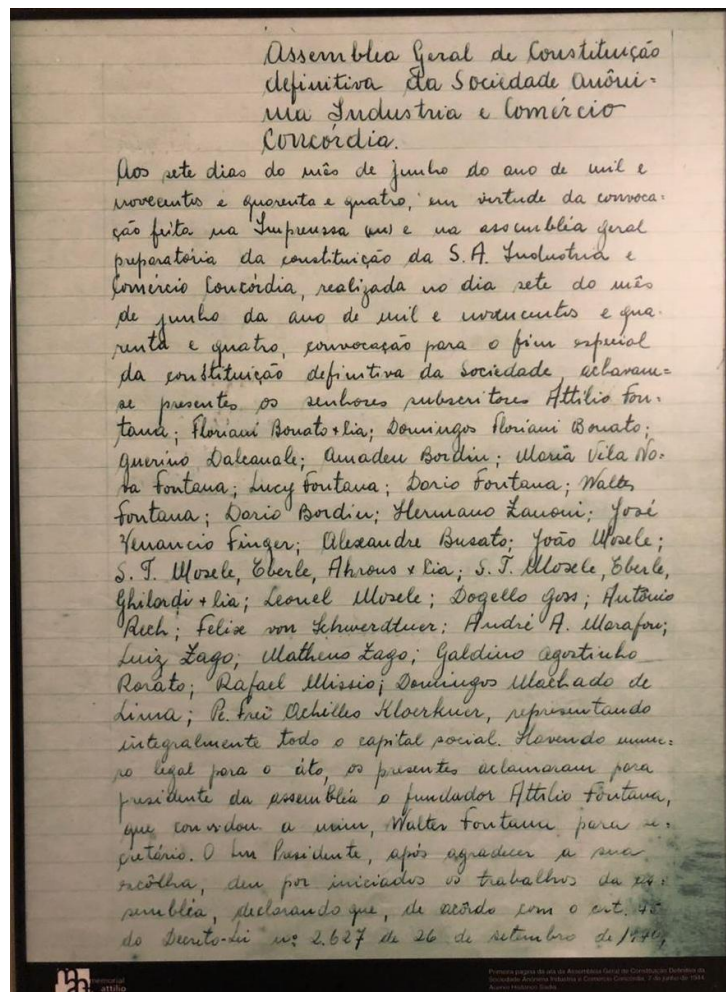
Inicialmente, Attilio Fontana adquiriu um moinho de trigo localizado nas proximidades do frigorífico. Através de negociações, ficou acordado que ele ficaria responsável pelo moinho e, caso os resultados fossem positivos — isto é, se o moinho operasse com eficiência e gerasse lucros —, tomaria, no ano seguinte, uma decisão mais definitiva sobre os próximos passos a serem dados em relação ao frigorífico.

Com o moinho funcionando de forma cada vez mais eficiente, foi realizado um balanço dos lucros obtidos por meio das negociações e, diante dos bons resultados, Fontana decidiu adquirir o Frigorífico Concórdia em 1943, após intensas negociações, quando conseguiu comprar as cotas dos acionistas por um valor muito abaixo do mercado da época. Assim, foi criada a empresa S.A. Indústria e Comércio Concórdia, que, no ano seguinte, passaria a se chamar Sadia (Teixeira, 1994).

3.2 SADIA: PRIMEIROS PASSOS E EXPANSÃO

No dia 7 de junho de 1944, vinte e sete acionistas assinaram a ata de fundação da S.A. Indústria e Comércio Concórdia (Figura 06) que, posteriormente, viria a ser chamada de Sadia. Como explicou Fontana: “Eu tiraria dessa razão social as duas primeiras letras – SA – e as juntaria com a última sílaba de Concórdia, para formar o nome SADIA” (Fontana, 1980, p. 156). Com isso, a criação da empresa foi oficializada, e a primeira diretoria foi eleita, com Attilio Fontana assumindo o cargo de diretor-presidente. Aos 44 anos, Attilio Francisco Xavier Fontana iniciava seu empreendimento industrial.

Figura 06 – Primeira página da Ata de Fundação da S.A. Indústria e Comércio Concórdia, posteriormente chamada de Sadia



Fonte: Memorial Attilio Fontana.

Para iniciar as operações do moinho e frigorífico, Attilio Fontana contou com a ajuda de seus filhos, sobrinhos, cunhados e genros. O livro caixa da nova empresa foi aberto em 1º de setembro de 1944, e o abatedouro do frigorífico só começou a funcionar em 20 de novembro do mesmo ano, com capacidade de abate de 30 suínos por dia (Teixeira, 1994).

Com um número inicial de abates ainda modesto, Fontana direcionou seus esforços para ampliar a capacidade do moinho de trigo e elevar sua produtividade. A aquisição de modernas máquinas suíças, fornecidas por uma empresa do Rio Grande do Sul, permitiu que o moinho operasse em plena capacidade já em 1945, alcançando a marca de 24 toneladas de grãos moídos por dia. Tanto a farinha quanto o farelo obtiveram excelente aceitação na região e passaram a ser comercializados em larga escala também em outros mercados. Os recursos provenientes da venda da farinha foram fundamentais para viabilizar novos investimentos, especialmente a finalização das obras do frigorífico, concluídas no início de 1946.

Com as obras de melhorias do frigorífico finalizadas, a produção foi intensificada, atingindo o abate de aproximadamente 100 animais por dia. A partir dessa matéria-prima, passaram a ser fabricados diversos produtos, como banha, toucinho, pernil, presunto, salame, lombo e linguiça. Dentre eles, a banha se destacou como o carro-chefe do frigorífico por um longo período, graças ao seu preço acessível e à maior durabilidade, sendo comercializada tanto enlatada quanto empacotada.

Apesar do bom desempenho do frigorífico, o escoamento da produção enfrentava sérias limitações logísticas. As estradas, em condições precárias, dificultavam o transporte rodoviário, especialmente no trajeto até São Paulo, que podia levar vários dias. Embora a ferrovia oferecesse alguma regularidade no transporte, especialmente da banha suína — principal derivado produzido —, o tempo de deslocamento de cerca de quinze dias inviabilizava o envio de produtos perecíveis (Fontana, 1980).

Para enfrentar o desafio de atender aos grandes centros consumidores, a Sadia considerava duas alternativas: solucionar as dificuldades logísticas no transporte de mercadorias ou transferir parte da produção para esses centros. Optou, estrategicamente, por adotar ambas as soluções, através da criação da Sadia S.A Transportes Aéreos e da construção do Moinho da Lapa S.A.

Naquele período, além das dificuldades impostas pelas grandes distâncias, havia uma política governamental específica para a compra do trigo, a comercialização da farinha e o incentivo aos grandes moageiros. Nesse contexto, a manutenção de pequenos moinhos de trigo no interior do país tornava-se economicamente inviável. Dessa forma, foi fundado, em 1953, o Moinho da Lapa S.A, localizado na Vila Anastácio, distrito de Lapa, na cidade de São Paulo. O moinho possuía seis silos e uma capacidade de moagem de 80 toneladas de grãos por dia, a qual foi aumentada posteriormente. A administração do moinho ficou a cargo de Walter Fontana, um dos seus idealizadores e filho de Attilio (Teixeira, 1994).

Já para tentar sanar as dificuldades logísticas no transporte entre Concórdia e São Paulo, Fontana inicialmente optou pelo aluguel de uma aeronave de pequeno porte, com o objetivo de agilizar a distribuição dos produtos da Sadia. Com o tempo, em parceria com seu filho Omar, Fontana comprou o avião, mas, devido aos elevados custos operacionais para manter a aeronave, considerou mais viável a criação de uma empresa de transporte aéreo. Assim, para atender às exigências do Ministério da Aeronáutica, arrendou mais duas aeronaves, formando uma frota de três aviões, número necessário para formalizar a sociedade.

Desse modo, foi criada, em 1955, a Sadia S.A. Transportes Aéreos, viabilizada pela ascensão de Nereu Ramos à presidência da República, através de mudanças significativas nos

ministérios, incluindo o Ministério da Aeronáutica. Tais modificações, possivelmente favorecidas pela proximidade entre Ramos e Attilio Fontana, então aliados políticos, foram determinantes para a aprovação do projeto, que anteriormente enfrentava obstáculos legais.

O transporte aéreo de produtos suínos da Sadia permaneceu em operação até que as condições das estradas melhorassem e os caminhões frigoríficos, a partir de 1958, começassem a superar progressivamente as vantagens dos aviões. A Sadia Transportes Aéreos continuou suas atividades com o transporte de passageiros até 1972, quando foi sucedida pela Transbrasil S.A. Linhas Aéreas, uma empresa independente que tinha como sede a cidade de Brasília e teve suas atividades encerradas em 2001.

Figura 07 – Anúncio da Sadia S.A. Transportes Aéreos no Jornal O Estado, em 1956



Fonte: Jornal O Estado, p. 7, abril de 1956. Hemeroteca Digital.

Assim como as estradas e os meios de transporte que ligavam o Oeste de Santa Catarina ao restante do país, os sistemas de comunicação da região também apresentavam infraestrutura precária para os padrões da época. Diante disso, a partir de 1957, a Sadia passou a utilizar a Rádio Rural de Concórdia, que pertencia à própria empresa, “para divulgar seu então inovador programa de integração agroindustrial” (Pertile, 2008, p.169) modelo contratual em que a agroindústria fornece insumos e assistência técnica aos produtores rurais, que, por sua vez, se responsabilizam pela criação dos animais conforme padrões estabelecidos. Neste sentido, a

emissora também servia para “levar informação e orientação diretamente aos criadores nas suas propriedades” (Pertile, 2008).

Mesmo com a questão dos transportes e da comunicação parcialmente solucionada, a Sadia ainda enfrentava um desafio estratégico relevante: sua principal unidade industrial, localizada em Concórdia, permanecia distante dos principais centros consumidores do país. Paralelamente, o crescimento acelerado da população urbana intensificava as exigências por alimentos com maior qualidade, em maiores quantidades e com distribuição mais eficiente. Nesse contexto, tornava-se imprescindível descentralizar a produção, especialmente no que se refere aos produtos frescos, com seu curto prazo de conservação, limitando o transporte por longas distâncias. Com base nessa necessidade, foi fundada a Companhia Brasileira de Frigoríficos, a Frigobrás.

Com uma área de 68 mil metros quadrados, a Frigobrás foi inaugurada em 7 de agosto de 1964, na Vila Anastácio, localidade onde já se encontrava instalado o Moinho da Lapa. Inicialmente, as atividades da unidade ocorreram em pequena escala, com uma produção diária aproximada de 30 toneladas. Entre os principais produtos fabricados nesse período, destacavam-se o presunto cozido, a mortadela, a linguiça, a salsicha e o hambúrguer (Fontana, 1980).

Após iniciar a produção industrial em São Paulo, a Sadia buscou um fornecimento de matéria-prima para a Frigobrás que fosse mais próximo e em maior quantidade. Nesse contexto, a empresa decidiu buscar fontes de suínos em regiões com grande produção, como em Toledo, no Oeste Paranaense, onde encontrou o Frigorífico Pioneiro, que enfrentava dificuldades financeiras e estava à beira da falência. A Sadia adquiriu o frigorífico e, em 1964, estabeleceu ali uma filial da Frigobrás, marcando sua primeira unidade industrial no Paraná. Inicialmente, a unidade dedicou-se exclusivamente ao abate de suínos para suprir a matriz de São Paulo.

Fizemos uma construção nova, ampla, espaçosa, nada restando da organização primitiva. E assim a Frigobrás passou a ter no frigorífico de Toledo uma filial muito bem montada, moderna e eficiente, com o abate ao redor de 2.000 e 2.500 suínos por dia para fornecimento de matéria-prima à matriz de São Paulo (Fontana, 1980, p. 278).

3.3 ENTRE A INDÚSTRIA E POLÍTICA

Além de sua trajetória como empresário, Attilio Fontana trilhou rumos na política. Enquanto a Sadia dava seus primeiros passos no abate e produção de derivados de suínos, Fontana já iniciava sua história na política quando, em 1945, foi indicado por Nereu Ramos —

recém-eleito deputado federal e um dos fundadores do Partido Social Democrático (PSD) em Santa Catarina — para organizar o diretório do partido em Concórdia e concorrer ao cargo de vereador nas eleições de 1947 (Espíndola, 1999).

Segundo Espíndola (1999), após eleito a vereador, Fontana dedicou-se prioritariamente à melhoria da infraestrutura regional, promovendo obras de pavimentação de estradas, implantação de rede de esgoto e ampliação do fornecimento de energia elétrica. Essas ações eram fundamentais para fomentar o desenvolvimento comercial e industrial da região.

Já nas eleições de 1950, Atílio Fontana foi candidato à prefeito municipal de Concórdia, ocasião em que se elegeu e direcionou a maior parte dos recursos públicos à implantação de escolas, postos de saúde e outras obras de infraestrutura. Para Espíndola (1999), essa atuação evidencia o uso estratégico da máquina pública para promover a melhoria das condições de vida da população local e, simultaneamente, qualificar a mão de obra necessária ao crescente fluxo produtivo da região.

Nesse contexto, o poder público municipal atuava como agente impulsionador da modernização econômica. Um exemplo significativo dessa articulação é a contratação, pela prefeitura, de profissionais como engenheiro civil, médico e veterinários. Embora vinculados ao serviço público, esses especialistas também prestavam suporte técnico à indústria Sadia, demonstrando a estreita relação entre os interesses do setor público e o desenvolvimento industrial local (Espíndola, 1999). Como outro exemplo, Silva (1991) afirma que:

A gestão Fontana na Prefeitura significou crescimento para Concórdia e para a SADIA, através da compra de um trator Caterpillar para a cidade com recursos financeiros da Sadia e como cotista da General Motors, importou 25 caminhões, sendo seis para a Prefeitura Municipal, seis para a Sadia e 13 para a Agência Buzes Sponchiado (Silva, 1991, p. 87).

Nesse sentido, é possível notar que, enquanto Fontana atuava na política de Concórdia, os recursos públicos — como profissionais contratados pelo governo ou investimentos estatais — passaram a atender também a interesses privados, especialmente os da Sadia, em um processo visto como natural e até benéfico. Essa prática era justificada pelo argumento do “bem geral da comunidade” de Concórdia, reforçando a ideia de uma convivência harmônica entre Estado, iniciativa privada e sociedade. No entanto, na prática, essa dinâmica representava uma apropriação de bens públicos por interesses privados, sob a aparência de benefício coletivo. Nesse sentido, Segundo Amador (2010):

Na medida que tais investimentos, oriundos das políticas públicas e do capital privado das agroindústrias, possuíam como objetivo aumentar a produção com técnicas modernas na propriedade colonial, conseqüentemente, implicou na própria

modernização do produtor. Ao se modernizar, o produtor passa a assumir relações com o capital financeiro, com a indústria de máquinas, fertilizantes e outras similares, passando, assim, a fazer parte de todo o processo de transformação do desenvolvimento econômico do município (Amador, 2010, p. 129).

Com o encerramento de sua gestão como prefeito, Attilio Fontana foi eleito Deputado Federal em 1954, sendo posteriormente reconduzido ao cargo em 1958. Contudo, não concluiu o segundo mandato, uma vez que assumiu a Secretaria de Agricultura do Estado de Santa Catarina, no período de 1961 a 1962, durante o governo de Celso Ramos. Na sequência, nas eleições de 1962, foi eleito Senador da República por Santa Catarina, pelo Partido Social Democrático (PSD), função que exerceu até 1970. Nesse mesmo ano, foi escolhido Vice-Governador do estado, por meio de eleição indireta, integrando a chapa liderada por Colombo Salles, representando a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Este foi o último cargo público ocupado por Fontana em sua trajetória política (Memória Política de Santa Catarina, 2022).

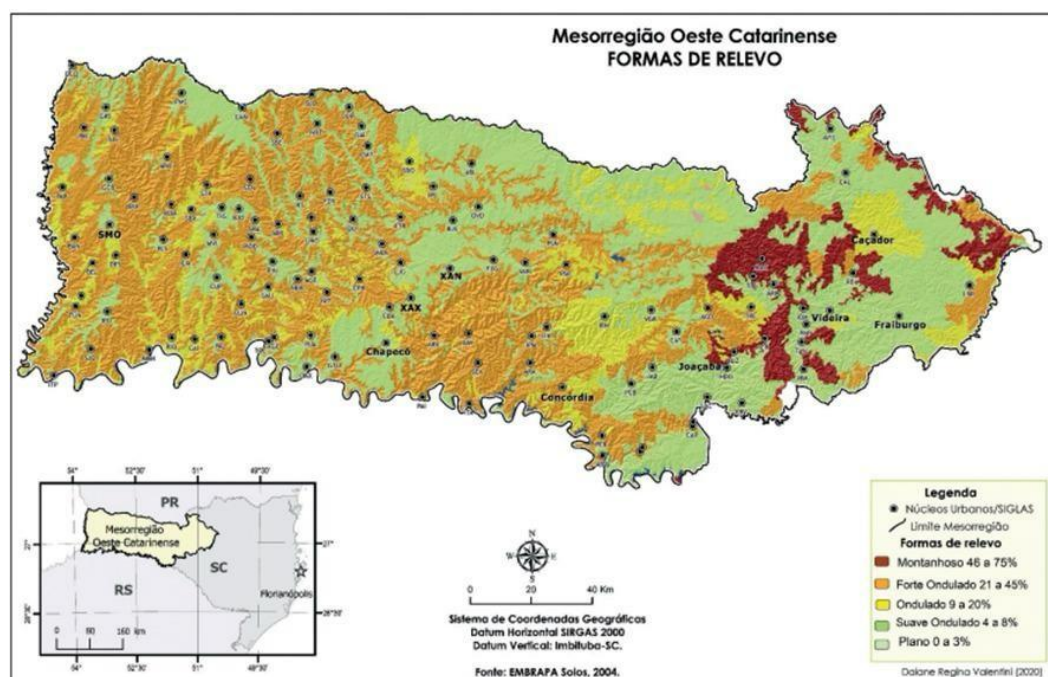
4 O IMPACTO SOCIOECONÔMICO DA SADIA EM CONCÓRDIA

Este capítulo tem como objetivo analisar as transformações ocorridas no espaço físico e social do município de Concórdia a partir da instalação e expansão da empresa Sadia. Serão abordados aspectos como a ocupação do solo, a expansão do perímetro urbano, a localização das unidades produtivas e os impactos na infraestrutura local. Busca-se compreender como a presença da empresa contribuiu para a reorganização territorial e o desenvolvimento socioeconômico do município.

4.1 A CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE CONCÓRDIA E A INFLUÊNCIA DA SADIA

Concórdia está situada em uma região de planaltos com superfícies montanhosas e onduladas, de origem basáltica (Figura 08). Embora o solo seja fértil, as condições geomorfológicas impõem restrições ao uso e à ocupação do território. O núcleo urbano inicial, implantado em 1927 pela empresa Mosele, desenvolveu-se às margens do Rio dos Queimados, afluente do Rio Uruguai, com um traçado urbano influenciado pelo relevo e pelo curso do rio. Parte da área central segue um plano ortogonal, enquanto outras áreas apresentam arruamento diagonal, conferindo uma aparência semelhante à de um tabuleiro de xadrez (Azevedo, 1993).

Figura 08 – Mesorregião Oeste Catarinense.



Fonte: Nascimento *et al.* (2024, p. 49).

A ocupação territorial do município de Concórdia ocorreu de forma gradual, acompanhando o processo de desenvolvimento histórico da cidade. Na década de 1940, a população urbana ainda era reduzida e apresentava uma distribuição bastante dispersa. Essa população era composta, em sua maioria, por colonos de origem rural, caracterizados por baixo poder aquisitivo, hábitos simples, limitada escolarização e ausência de vínculos com a cultura urbana, os quais passaram a se estabelecer no meio urbano. As residências, predominantemente construídas em madeira e com sótão, evidenciam influências da arquitetura europeia, reflexo da expressiva presença de descendentes de imigrantes, especialmente italianos e alemães.

A partir da década de 1950, observa-se uma retomada no crescimento da população urbana de Concórdia, impulsionada principalmente pela fundação da empresa Sadia. O acelerado processo de desenvolvimento urbano, aliado às reduzidas dimensões do vale, resultou na diversificação e na expansão do núcleo urbano em direção às encostas. Conforme destaca Azevedo (1993, p. 96), as antigas chácaras foram progressivamente fragmentadas em lotes menores, configurando uma ocupação voltada predominantemente para as zonas sul e sudoeste do município — áreas próximas à sede da Sadia.

Compreender a configuração atual da região agroindustrial exige uma análise que considere suas articulações históricas e contínuas no espaço geográfico. Essas dinâmicas são impulsionadas por diversos fatores, entre eles, a atuação dos agentes hegemônicos e do Estado, cuja presença e intensidade variam de acordo com o território, dando origem a diferentes formas de diferenciação espacial (Pertile, 2008, p. 133).

O processo de territorialização do capital agroindustrial — compreendido, no plano teórico, como a expansão das relações capitalistas de trabalho e produção no meio rural — manifesta-se de forma evidente na região analisada, designando uma configuração específica ao território. No caso do município de Concórdia, observa-se a monopolização territorial por parte da empresa Sadia, enquanto a ocupação é realizada majoritariamente por pequenos produtores, os quais, em grande medida, perderam sua autonomia produtiva, tornando-se economicamente dependentes da referida empresa (Azevedo, 1993, p. 77).

Na fotografia do município de Concórdia, datada de 1946 (Figura 09), é possível observar o estágio inicial de desenvolvimento urbano-industrial na região, centrado em torno do complexo fabril da Sadia. O ambiente predominante é rural, com vastas áreas de campo aberto e escassa ocupação do solo. A fábrica, com arquitetura característica de galpões industriais e uma chaminé em funcionamento, configura-se como o principal elemento articulador do espaço. Ao redor, observa-se um pequeno núcleo de habitações, provavelmente construídas para abrigar os primeiros trabalhadores da empresa. A ausência de vias

pavimentadas, arborização planejada e outras formas de infraestrutura urbana revela um espaço ainda em processo de transição entre o rural e o urbano.

Figura 09 – Vista aérea da cidade de Concórdia em 1946, com o complexo industrial da Sadia em primeiro plano e, ao fundo, o edifício do Moinho Concórdia



Fonte: Museu Histórico Hermano Zanoni.

Na fotografia de 1954 (Figura 10), é perceptível um avanço significativo na urbanização do entorno da fábrica. A quantidade de residências aumentou substancialmente, evidenciando um crescimento populacional possivelmente impulsionado pela expansão da atividade industrial. Nota-se um maior ordenamento espacial das habitações, o que sugere os primeiros esforços de planejamento urbano. A paisagem ainda conserva elementos rurais; porém, começa a apresentar um traçado urbano incipiente, com algumas construções de caráter administrativo ou comercial e um leve adensamento em relação à imagem anterior. A fábrica da Sadia permanece como centro gravitacional da cidade, indicando sua importância como motor econômico e territorial.

Figura 10 – Vista aérea de Concórdia em 1954



Fonte: Museu Histórico Hermano Zanoni.

Já a fotografia de 1968 (Figura 11) revela um espaço urbano consolidado, no qual a paisagem originalmente rural foi significativamente transformada em função do processo de industrialização. A fábrica da Sadia ocupa uma área ainda maior e apresenta maior complexidade estrutural, com novos galpões, chaminés e setores anexos, sinalizando modernização e aumento da capacidade produtiva. O entorno industrial é, agora, acompanhado de um tecido urbano mais denso e diversificado, com edificações de múltiplos andares, equipamentos públicos e vias mais bem delineadas. A cidade já demonstra um grau avançado de urbanização, com elementos visuais típicos de um centro urbano funcional e integrado.

Figura 11 – Vista aérea de Concórdia em 1968



Fonte: Museu Histórico Hermano Zanoni.

As três fontes iconográficas evidenciam, de forma clara, a transformação geográfica e urbana promovida pela instalação e expansão da indústria Sadia ao longo das décadas. O processo de desenvolvimento urbano observado está intrinsecamente ligado à lógica industrial e produtiva da empresa, que atua como vetor de crescimento e estruturação territorial.

No plano geográfico, identifica-se uma transição de um espaço predominantemente rural, com características naturais preservadas, para um ambiente urbanizado e funcionalmente articulado em torno do polo industrial. Em 1946, o espaço geográfico é caracterizado por baixa densidade populacional, uso do solo voltado à agricultura e ausência de infraestrutura urbana. Em 1954, já se observa uma reconfiguração espacial, com aumento do número de habitações, maior ocupação do território e indícios de um planejamento urbano embrionário. Em 1968, o espaço assume características plenamente urbanas, com consolidação de bairros, ampliação do setor de serviços e maior diversificação funcional da cidade. Essa transformação reflete o que Santos (1996) define como a “produção do espaço”, em que os agentes econômicos, sobretudo o capital industrial, moldam o território a partir de suas necessidades e relações.

A influência da Sadia nesse processo é central. A empresa não apenas atraiu mão de obra e fomentou o crescimento demográfico, como também induziu o surgimento de infraestrutura urbana básica, como moradias operárias, vias de acesso e serviços complementares. Ao atuar como núcleo gerador de empregos e renda, a Sadia transformou-se em agente estruturante do espaço geográfico local, promovendo uma reconfiguração territorial

que exemplifica o papel da indústria como elemento indutor da urbanização no Brasil no século XX.

4.2 A DINÂMICA POPULACIONAL FRENTE AO DESENVOLVIMENTO AGROINDUSTRIAL

Segundo Amador (2010, p. 130), a expansão da Sadia ocorreu em um contexto político-econômico fortemente influenciado pelo modelo nacional-desenvolvimentista, instaurado durante o governo de Getúlio Vargas na década de 1930 e mantido até o golpe militar de 1964. O período entre 1940 e meados da década de 1960 pode ser caracterizado como uma fase de efetiva integração do Oeste catarinense à economia nacional, marcada pela intensificação da expansão capitalista na região. Nesse processo, o Estado desempenhou um papel decisivo ao favorecer setores específicos, como comerciantes e industriais, que se consolidaram posteriormente como a elite agroindustrial nas décadas posteriores (Pertile, 2008, p. 149).

Diante desse contexto de fortalecimento do modelo nacional-desenvolvimentista e da crescente integração do Oeste catarinense à economia nacional, a Sadia consolidou-se como um dos principais agentes do processo de transformação econômica regional. A tabela abaixo demonstra a evolução do quadro de empregados da Sadia e do número de suínos abatidos entre os anos de 1945 e 1963, evidenciando o avanço da agroindustrialização na região durante esse período.

Tabela 01 – Números de abates e empregados da Sadia durante os anos de 1945 e 1963

Ano	Empregados da Sadia	Número de abate de suínos
1945	140	34.000
1955	320	87.000
1960	670	158.000
1963	780	160.000

Fonte: Teixeira (1994).

Os dados da tabela evidenciam um crescimento expressivo tanto no quadro de funcionários quanto na escala de produção ao longo do período analisado, o que reflete o processo de consolidação e expansão da empresa no contexto regional.

Em 1945, a Sadia contava com 140 empregados e realizava o abate de aproximadamente 34 mil suínos. Dez anos depois, em 1955, esse número mais que dobrou, alcançando 320 funcionários e 87 mil suínos abatidos. Esse crescimento de cerca de 128% no número de

trabalhadores e de 156% no volume de abates indica um significativo avanço na capacidade produtiva da empresa.

No início da década de 1960, observa-se a continuidade desse processo de expansão. Em 1960, o número de empregados praticamente duplicou em relação a 1955, chegando a 670, enquanto os abates aumentaram para 158 mil suínos. Já em 1963, apesar do crescimento mais moderado no número de abates (160 mil), o quadro de empregados ampliou-se para 780, sugerindo não apenas o aumento da produção, mas também uma possível diversificação das atividades internas ou o aprimoramento dos processos produtivos.

Esse panorama demonstra que, entre 1945 e 1963, a Sadia passou por um acelerado processo de crescimento, desempenhando um papel central no desenvolvimento econômico e na geração de empregos na região de Concórdia. O aumento contínuo no número de funcionários e no volume de abates evidencia a transformação da empresa em um polo agroindustrial de grande relevância no cenário regional e nacional, refletindo o avanço do modelo agroindustrial no Oeste de Santa Catarina.

Paralelamente ao crescimento da Sadia, tanto em termos de produção quanto de geração de empregos, observa-se também um processo significativo de transformação demográfica no município de Concórdia. A expansão das atividades agroindustriais e o fortalecimento da economia regional contribuíram para a atração de mão de obra e para a reorganização do espaço urbano e rural. A tabela a seguir apresenta a evolução da população, da área territorial e da densidade demográfica de Concórdia entre os anos de 1940 e 1970, evidenciando as mudanças ocorridas no período e permitindo relacionar o desenvolvimento da Sadia ao crescimento populacional e à reconfiguração territorial do município.

Tabela 02 – População de Concórdia em paralelo com a área nas décadas de 1940 a 1970

Ano	População	Área (km ²)	Densidade Demográfica (hab/km ²)
1940	32.658	2.599	11,86
1950	48.014	2.599	17,43
1960	44.761	1.456	30,74
1970	45.465	1.456	31,24

Fonte: IBGE.

Com base nos dados demográficos coletados, observa-se que a densidade populacional do município de Concórdia apresentou um crescimento significativo entre as décadas de 1940 e 1970, embora com intensidades distintas ao longo do período. Entre os anos de 1940 e 1950, a densidade demográfica aumentou aproximadamente 46,9%, reflexo do crescimento

populacional urbano impulsionado, entre outros fatores, pelo início das atividades industriais da Sadia, cuja presença começou a redefinir as dinâmicas econômicas e espaciais locais.

O incremento mais acentuado, contudo, ocorreu na década seguinte: entre 1950 e 1960, a densidade demográfica teve um aumento de 76,3%. Essa elevação expressiva não decorre exclusivamente do crescimento populacional, mas sobretudo da significativa redução da área territorial do município no período, que passou de 2.754 km² para 1.456 km², intensificando o adensamento populacional. Tal processo pode ser interpretado à luz das transformações socioespaciais promovidas pela territorialização do capital agroindustrial, especialmente por meio da centralidade exercida pela Sadia no território local (Haesbaert, 2004; Santos, 1996).

Entre 1960 e 1970, observa-se uma desaceleração na taxa de crescimento da densidade, com um aumento de apenas 1,6%. Esse comportamento demográfico está relacionado a um novo desmembramento territorial ocorrido em 1963, com a emancipação do município de Ipumirim, situado ao norte de Concórdia.

Assim, os dados revelam que a transformação do espaço geográfico de Concórdia esteve diretamente relacionada às dinâmicas econômicas associadas ao avanço da agroindústria e às mudanças administrativas no território. A Sadia, como agente estruturador, exerceu papel determinante nesse processo, promovendo a reorganização espacial e contribuindo para a redefinição da configuração urbana do município.

4.3 CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA AGROINDUSTRIAL

Entre as décadas de 1940 e 1960, consolidou-se o capital agroindustrial no estado de Santa Catarina, concomitantemente ao processo de mercantilização da pequena produção rural. As agroindústrias estabelecidas no Vale do Rio do Peixe, inicialmente focadas na produção de banha como principal item comercializável, redirecionaram suas atividades, já no início da década de 1950, para a produção de carne e seus derivados — produtos com maior valor agregado e crescente aceitação nos mercados consumidores.

A formação das primeiras agroindústrias no Oeste catarinense ocorreu a partir de uma integração bem-sucedida entre a agricultura familiar e o setor frigorífico, estabelecendo-se como a base do modelo de desenvolvimento econômico da região. O avanço do sistema agroindustrial foi impulsionado por um conjunto de fatores, com destaque para o aumento do consumo de produtos de origem animal em outras partes do Brasil, especialmente no Sudeste. Esse crescimento da demanda, inicialmente interna, acabou por expandir-se também para os mercados internacionais, ampliando o alcance e a relevância do setor (Alves, 2021, p. 48).

De acordo com Pertile (2008, p. 129), a consolidação das agroindústrias em Santa Catarina, durante a década de 1950, deveu-se a um conjunto articulado de estratégias. Entre essas, destacam-se a utilização da malha ferroviária para redução dos custos de transporte e a adoção de inovações tecnológicas, como caminhões refrigerados e aeronaves. Também foram fundamentais os investimentos no aprimoramento genético dos animais e na qualificação da mão de obra, com o objetivo de garantir a padronização da matéria-prima. A expansão comercial, com a abertura de filiais em estados como São Paulo e a criação de unidades dedicadas à produção de embalagens, desempenhou um papel crucial no fortalecimento do setor.

O processo de modernização econômica e industrial em Santa Catarina, especialmente a partir da década de 1950, foi profundamente influenciado pelas transformações no setor agroindustrial. Um dos principais impulsionadores desse movimento foi a crescente demanda por matéria-prima, especialmente para a indústria frigorífica. Esse cenário acelerou a mudança nas atividades econômicas locais, levando os produtores a expandirem suas instalações em resposta à oportunidade de um mercado que oferecia maior estabilidade e segurança. Como observa Amador (2010, p. 118), “o colono vai ampliando suas instalações diante da possibilidade de um mercado que lhe garantisse mais estabilidade e segurança”.

Com o crescente direcionamento da economia de Concórdia para o mercado, o município começou a fazer parte de uma divisão inter-regional do trabalho, o que resultou em uma dependência crescente das dinâmicas do mercado nacional e internacional, especialmente nas áreas da agricultura e da criação de animais. Nesse cenário, surgiu a necessidade de aprimorar a qualidade do principal produto comercializado, o suíno, com o objetivo de aumentar sua competitividade.

Nesse contexto, a Sadia implementou, na metade da década de 1950, o Sistema de Fomento Agropecuário, de forma experimental, com o intuito de introduzir rações balanceadas na alimentação dos suínos. A partir desse momento, a empresa passou a exercer uma intervenção direta no processo produtivo, visando à melhoria da qualidade do produto e, consequentemente, ao aumento do seu valor de mercado.

A intervenção da empresa se concretizou por meio da oferta de assistência técnica aos produtores rurais associados, da introdução de novas raças de suínos, voltadas à produção de carne, e do fornecimento parcial de insumos. Com isso, estabeleceu-se uma nova relação entre a Sadia e os produtores, caracterizada por uma dependência tanto no aspecto produtivo quanto comercial, dando origem ao que viria a ser conhecido como o sistema de integração.

O conceito de empresa integrada refere-se àquela em que a produção agropecuária é realizada por produtores rurais em suas propriedades, porém sob controle absoluto da agroindústria. No caso da Sadia, esse controle se materializa por meio do acompanhamento técnico da produção, que estabelece parâmetros tanto para a quantidade quanto para a qualidade dos produtos. Além disso, a empresa integradora assume a responsabilidade pelo fornecimento dos insumos e da matéria-prima, como os animais recém-nascidos, garantindo padronização e eficiência ao processo produtivo (Azevedo, 1993, p. 114).

A expansão dos frigoríficos no Oeste catarinense promoveu uma reconfiguração significativa na dinâmica produtiva do meio rural. Nesse novo contexto, a produção agrícola deixou de ser esporadicamente comercializada para assumir um caráter sistemático, inserido em uma rede de relações econômicas próprias do modelo capitalista. Esse processo marcou a transição da produção familiar de subsistência para uma lógica de mercado, voltada à geração contínua de mercadorias. O desenvolvimento do setor agroindustrial na região teve como principal base de sustentação a pequena propriedade familiar, que passou a se articular diretamente com a crescente mercantilização da produção. Essa integração, no entanto, também implicou na apropriação do excedente gerado nas unidades familiares pelas agroindústrias, evidenciando um processo de subordinação econômica do produtor rural às exigências do setor industrial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise histórica da fundação da Sadia, da trajetória de seu fundador Attilio Fontana e do contexto regional de formação da agroindústria no Oeste catarinense, torna-se evidente a profunda interdependência entre a empresa e o território em que ela se consolidou. O estudo revelou que a Sadia exerceu um papel central na reorganização do espaço físico do município de Concórdia, promovendo a urbanização, o adensamento populacional e a reconfiguração das dinâmicas sociais e produtivas no meio rural.

A introdução do sistema de fomento agropecuário, na década de 1950, seguida pela implementação do sistema de integração, marcou o início de uma nova lógica produtiva, na qual a Sadia passou a exercer controle direto sobre a agropecuária local. Essa relação transformou pequenos produtores em elos subordinados à estrutura empresarial da indústria, ainda que lhes proporcionasse inserção em cadeias produtivas mais amplas, além de estabilidade comercial e incremento de renda.

Dessa forma, o desenvolvimento econômico de Concórdia não pode ser dissociado da atuação da Sadia. A empresa assumiu a função de vetor estruturante da economia local, influenciando não apenas a organização do território, mas também o cotidiano social, político e cultural da população. O caso da Sadia, em Concórdia, exemplifica os efeitos da industrialização agroalimentar no interior do Brasil ao longo do século XX, evidenciando tanto os benefícios associados ao crescimento econômico quanto os desafios oriundos da concentração de poder e da dependência produtiva.

Ao considerar a Sadia como agente central desse processo, é imprescindível reconhecer o papel político desempenhado por Attilio Fontana em sua consolidação. Atuando simultaneamente como empresário e agente público, Fontana soube articular os interesses da empresa às políticas públicas em diferentes esferas. Sua atuação como vereador, prefeito, deputado federal, senador e vice-governador de Santa Catarina foi decisiva para viabilizar investimentos e obras de infraestrutura fundamentais para o crescimento da empresa, como a ampliação do sistema viário, fornecimento de energia elétrica e expansão dos serviços urbanos. Essa sobreposição entre os interesses privados e a gestão pública criou um ambiente institucional favorável à Sadia, ampliando sua influência sobre o território e sobre as decisões estratégicas que moldaram o desenvolvimento regional. A figura de Fontana, nesse sentido, representa um caso emblemático da articulação entre capital privado e poder político no contexto da modernização conservadora brasileira.

Além de impulsionar o crescimento econômico local, a atuação da Sadia foi determinante na conformação territorial e social de Concórdia, transformando o município em um importante polo agroindustrial da região Sul do Brasil. A empresa, ao se consolidar como o principal agente econômico da cidade, atraiu investimentos públicos, promoveu a urbanização e redefiniu o uso do solo, favorecendo o surgimento de novos bairros, a ampliação de serviços urbanos e a melhoria na infraestrutura. A análise dos dados demográficos e das fotografias aéreas do período comprova o papel estruturador da Sadia, que ultrapassou os limites da atividade industrial ao moldar, também, as dinâmicas espaciais e sociais do território.

Por fim, a trajetória da Sadia, desde suas origens como um pequeno moinho até sua consolidação como protagonista no setor alimentício, revela não apenas a capacidade empreendedora e política de Attilio Fontana, mas também o modo como a lógica capitalista se enraizou no meio rural do Oeste catarinense por meio da agroindustrialização. Esse processo, embora responsável por promover o crescimento econômico e a geração de empregos, também trouxe consigo uma reconfiguração das relações de trabalho e da autonomia dos produtores locais, que passaram a se integrar aos moldes impostos pela grande indústria. Assim, este estudo permite compreender, de forma crítica, os impactos estruturais da Sadia na formação histórica de Concórdia, ressaltando a complexidade das relações entre economia, território e sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Luciano Adilio. **Ascensão e queda de uma gigante: a crise da Chapecó Alimentos e os impactos socioeconômicos no município de Xaxim (1995-2015)**. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal da Fronteira Sul Campus Chapecó, Chapecó, 2021.
- AMADOR, Milton Cleber Pereira. **A colonização na pequena propriedade familiar pelo descendente de imigrante e o desenvolvimento socioeconômico de Concórdia (1920 a 1960)**. 2010. 403 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010.
- AZEVEDO, Alba Regina Oliveira de. **O pequeno Produtor Rural de Concórdia-SC: Suas relações com a empresa Sadia**. 1993. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- CORAZZA, Gentil; RADIN, José Carlos (org.). **Fronteira Sul: ensaios socioeconômicos**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.
- ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias do Brasil: o caso Sadia**. Chapecó: Grifos, 1999.
- FERREIRA, Antenor Geraldo Zanetti. **Concórdia: o rastro de sua história**. Concórdia: Fundação Municipal de Cultura, 1992.
- FONTANA, Attilio. **História da minha vida**. Petrópolis: Vozes, 1980.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- MARCHESAN, Jairo. **A questão ambiental na produção agrícola: um estudo sócio-histórico-cultural o município de Concórdia (SC)**. Ijuí: ED. Unijuí, 2003.
- MEMÓRIA POLÍTICA DE SANTA CATARINA. **Biografia Atílio Fontana**. 2022. Disponível em: <https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1290-Atilio_Fontana>. Acesso em: 18 de maio de 2025.
- MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229–254, 2019.
- NASCIMENTO, Ederson; VALENTINI, Daiane Regina; SCHERMA, Ricardo Alberto; TOMBIN, Larissa Hermes Thomas; SCHERMA, Ricardo Alberto. **Atlas socioespacial do oeste de Santa Catarina**. Curitiba: CRV, 2024.
- NODARI, Eunice S. Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras. **Esboços: Histórias Em Contextos Globais**, v. 10, n. 10, pp. 29–51, 2002.

PERTILE, Noeli. **Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina**: o processo de produção de carnes no oeste catarinense. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

POLI, Jaci. Caboclo: pioneirismo e marginalização. In: CEOM. **Para uma história do Oeste Catarinense**: 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.

RADIN, José Carlos. A indústria frigorífica no oeste catarinense e a participação dos italianos (1940-1960). **Revista História: Debates E Tendências**, v. 19, n. 4, p. 720-744, 2019.

RADIN, José Carlos. **Companhias colonizadoras em Cruzeiro: representações sobre a civilização do sertão**. 2006. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RADIN, José Carlos. **Imigração Italiana em Santa Catarina e no Paraná**: fontes diplomáticas italianas (1875-1927). Chapecó: UFFS Editora, 2020.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Dicionário Histórico-Social do Oeste Catarinense**. Chapecó: UFFS Editora, 2018.

RADIN, José Carlos; SILVA, Claiton Marcio da. ‘Um vasto celeiro’: representações da natureza no processo de colonização do oeste catarinense (1916- 1950). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Naturais**, Chapecó, v. 13, n. 3, p. 681-697, set. 2018.

RADIN, José Carlos; VICENZI, R. A colonização em perspectiva no centenário de Chapecó. In: CARBONERA, Mirian; ONGHERO, André Luiz; SALINI, Ademir. (Orgs). **Chapecó 100 anos**: histórias plurais. 2ed. Chapecó: Argos, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Harrysson Luiz Ha. **A Gestão do Território pelo Grupo Sadia no município de Concórdia Santa Catarina**. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

SILVA, Rosangela Cavallazzi da. **Terras públicas e particulares**: o impacto do capital estrangeiro sobre a institucionalização da propriedade privada: um estudo da “Brazil Railway Company” no Meio-oeste catarinense. Dissertação (Mestrado em Direito), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1983.

TEIXEIRA, Francisco. **Sadia 50 anos**: construindo uma história. São Paulo: Prêmio, 1994.

VALENTINI, Delmir José; RADIN, José Carlos. Camponeses no sertão catarinense: a colonização da região do contestado nas primeiras décadas do século XX. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Anpuh, 2011. p. 1-14.

Attílio Fontana. **Memória Política de Santa Catarina.**

https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/1290-Atilio_Fontana. Acesso em: mar. 2025

BRF – Brasil Foods. Fusão entre Marfrig e BRF dá origem à MBRF. Imprensa BRF, Brasil, 15 maio 2025. Disponível em: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/fusao-entre-marfrig-e-brf-da-origem-a-mbrf/>. Acesso em: 08 jun. 2025.

História do município de Concórdia. **IBGE**. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/concordia/historico>. Acesso em: nov. 2024.

Portal Cidadão. Disponível em: <http://www.concordia.sc.gov.br/#!/tipo/pagina/valor/2>.

Acesso em: nov. 2024.